

Conjuntura Retração foi de 0,9% em maio, 0,4 ponto abaixo das projeções; economistas se dividem sobre reação do setor em junho

Enchente afeta indústria, mas queda fica aquém do previsto

RECONSTRÓI RIO GRANDE DO SUL
Marsileia Gombata e Lucianne Carneiro
 De São Paulo e do Rio

Puxada pelas inundações no Rio Grande do Sul, a produção industrial brasileira caiu em maio. Mesmo assim, a queda ficou abaixo do previsto pelos analistas. Economistas ouvidos pelo Valor se dividem sobre como o setor deve reagir no curto prazo. Parte dos analistas prevê recuperação do setor em junho, enquanto alguns creem que os sinais positivos do início do ano começam a dar lugar a condições econômicas mais incertas.

A produção da indústria brasileira caiu 0,9% em maio ante abril, segundo a Pesquisa Industrial Mensal — Produção Física (PIM-PF), do IBGE. O desempenho de maio ficou acima da mediana das estimativas de 24 instituições financeiras e consultorias reunidas pelo Valor Data, de recuo de 1,3%.

Na comparação com maio de 2023, a produção industrial caiu 1%, também acima da expectativa mediana do mercado, de queda de 1,6% do indicador.

Nos 12 meses até maio, a produção industrial acumula alta de 1,3%. No resultado acumulado em 2024, o ganho é de 2,5%. Com esses resultados, o setor industrial está 17,8% abaixo do nível recorde alcançado em maio de 2011 e 1,4% abaixo do patamar pré-pandemia, em fevereiro de 2020.

A indústria de transformação recuou 2,2% em maio, ante abril. Foi a primeira queda desde janeiro e a mais intensa desde março de 2021, quando contraiu-se 3,1%.

Em maio, as quatro grandes categorias e 16 das 25 atividades do setor tiveram queda.

A produção de bens duráveis caiu 5,7% em maio, frente a abril, e a de bens de capital retraiu-se 2,7%. A de bens intermediários, que representa 55% da indústria, teve perda de 0,8%, enquanto a de bens semi e não duráveis recuou 0,1%.

Veículos automotores, rebocos e carrocerias e produtos alimentícios foram as principais influências negativas para a indústria em maio. A produção de veículos caiu 11,7% em maio ante abril, e produtos alimentícios, 4%.

Tiveram queda ainda produtos químicos (-2,5%), máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-6,3%), produtos do fumo (-28,2%), metalurgia (-2,8%), máquinas e equipamentos (-3,5%), impressão e reprodução de gravações (-15%) e produtos diversos (-8,5%).

Por outro lado, das nove atividades que tiveram alta na produção, as maiores influências vieram de indústrias extrativas (2,6%) e coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (1,9%).

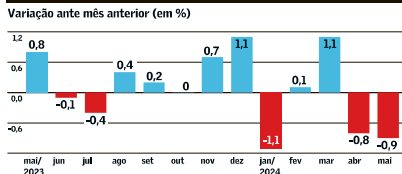
O resultado da indústria em maio teve perfil disseminado de quedas e também impactos diretos e indiretos das chuvas no Rio Grande do Sul, segundo André Macedo, responsável pela PIM-PE. "A chuva no Rio Grande do Sul é um fator importante a ser consi-



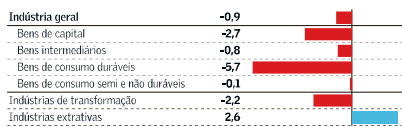
Rodolfo Margato: "Não fossem as enchentes em maio, a indústria teria crescido algo em torno de 0,5% na base anual"

Trajetória da produção

Indústria recua pelo 2º mês seguido



Desempenho de maio, ante abril (em %)



Fonte: IBGE

Queda da produção industrial pode ser atribuída em boa parte a efeitos das enchentes no Sul

Rodrigo Nishida

reportados de queda na base anual", diz Margato, em relatório.

Para o economista Rodrigo Nishida, da LCA Consultores, a queda da produção industrial de maio, tanto na comparação com abril quanto na comparação com maio de 2023, pode ser atribuída em boa parte a efeitos das enchentes no Rio Grande do Sul.

"Se olharmos os segmentos mais atingidos, vemos quedas mais expressivas em veículos automotores, reboco e carroceria, produção alimentícia, produtos químicos, máquinas, aparelhos e materiais elétricos e produtos do fumo", diz. "Com exceção de máquinas, aparelhos e materiais elétricos, todos têm produção significativa no Estado. A chuva teve efeitos sobre esses setores."

Nishida diz que fábricas em São Paulo, por exemplo, tiveram problemas na produção em maio porque não tinham insumos vindos

derado para o resultado de maio, com sua capacidade e reflexo em diferentes setores", disse.

De acordo com Rodolfo Margato, economista da XP, as enchentes do Rio Grande do Sul retiraram o equivalente a 1,5 ponto percentual do crescimento da indústria em maio, na comparação com o mesmo mês do ano anterior.

"Não fossem as enchentes em maio, a indústria brasileira teria crescido algo em torno de 0,5% na base anual, em vez dos números

do Rio Grande do Sul. Uma fábrica em São Paulo, por exemplo, deu férias coletivas como forma de mitigar os efeitos das paralisações ocorridas em unidades produtoras de peças no Rio Grande do Sul.

Ele afirma que as consequências das chuvas no Sul devem ser vistas ainda nos dados de junho, mas que o esforço de reconstrução deve compensar os efeitos negativos.

A reconstrução do Rio Grande do Sul também foi apontada pelo economista João Savignion, da gestora Kinitro Capital, como um dos motores para a volta do crescimento da indústria. A retomada é esperada por Savignion para junho, também por causa da demanda doméstica resiliente, do crédito mais acessível e de estímulos do governo.

Caio Dianin, economista do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre), lembra que o Rio Grande do Sul responde por cerca de 7% da indústria nacional e que os números positivos devem vir de setores como construção civil decorrente das obras no Sul.

Para Rafael Cagnin, do Instituto de Estudos de Desenvolvimento Industrial (Iedi), os dados de maio colocam em xeque a conjuntura mais favorável para a indústria que havia no início do ano.

"Os sinais promissores na entrada do ano que apontavam para um desempenho mais robusto vão dando lugar a um cenário mais nebuloso, não apenas pelo bloqueio de atividades produtivas devido às chuvas no Sul do país, mas também pela interrupção da fase de redução da taxa básica de juros", afirma. "Soma-se a isso maior aversão a riscos dos mercados financeiros, que tem provocado movimentos bruscos de desvalorização da taxa de câmbio, renovando incertezas em relação à trajetória da inflação e elevando custos de produção de muitos setores."

COMÉRCIO EM PAUTA

Trabalho que valoriza o Brasil



FREIO NA REDUÇÃO DA TAXA SELIC PRECUPA O SETOR PRODUTIVO POR TORNAR CRÉDITO MAIS CARO

A manutenção da taxa Selic em 10,5 pontos, decidida pelo Comitê de Política Monetária (Copom) na reunião de junho, preocupa a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). Em linha com os demais setores produtivos do País, a CNC entende que esse é um movimento equivocados, já que ainda haveria espaço para uma redução de 0,25 ponto.

A decisão de manter a Selic no atual patamar gera um cenário de menor atratividade para o crédito e, consequentemente, para o setor de comércio e serviços, pois a tendência é que as famílias diminuam seu ritmo de consumo. Além disso, o efeito na queda da taxa básica ocasiona prejuízos ao setor do comércio, com o encarecimento do financiamento para as empresas, o que dificulta o desenvolvimento do País como um todo.

"Juros mais baixos dinamizam a economia, pois o crédito fica mais barato para consumidores e empresas", afirma o presidente da CNC, José Roberto Tadros. "Esperamos que, com essa postura mais conservadora do Banco Central, nas próximas janelas de decisão seja aberto espaço para uma retomada consistente da redução da Selic."



TURISMO SOCIAL DO SESC AMPLIA ESTRUTURA E GANHA HOTEL COM PADRÃO DE SUSTENTABILIDADE

O turismo social do Sesc ampliou sua estrutura e oferece mais uma unidade de hospedagem ao público. No mês de junho, foi inaugurado o Sesc Cascavel Hotel-Fazenda, na Região Oeste do Paraná.

Com área de mais de um milhão de metros quadrados, o hotel é um refúgio rural de excelência e oferece infraestrutura completa para descanso e lazer, com apartamentos e chalés, parque aquático, complexo esportivo, cinema, brinquedoteca, restaurante e bar, entre outros espaços.

O projeto foi concebido com base em forte compromisso com a sustentabilidade, contando com reaproveitamento de água pluvial, captação de água por poços artesianos, sistema de aquecimento de água por placas solares e apoio a gás, geração de energia por placas fotovoltaicas, além de estações de tratamento de esgoto e água. Com a inauguração da unidade, a segunda no Paraná, o turismo social do Sesc passa a contar com 42 hotéis e pousadas em todas as regiões do País, recebendo anualmente cerca de 700 mil hóspedes.



RUMO À WORLDSKILLS: ALUNA DO SENAC BRILHA EM COMPETIÇÃO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NA CHINA

A competidora e aluna do Senac Gabriela Sirtoli recebeu o Medallion of Excellence na ocupação Estética e Bem-Estar, no 2º Belt and Road International Skills Competition, na China.

Realizada de 24 a 26 de junho, na cidade de Chongqing, a competição reuniu 590 participantes de 61 países em 18 ocupações. É uma iniciativa do governo chinês para promover o treinamento, o intercâmbio e a cooperação técnica entre países que se destacam nos grandes torneios mundiais de educação profissional.

O Medallion of Excellence é um certificado que reconhece competidores que alcançaram alto desempenho com pontuação expressiva. Um resultado muito positivo, considerando que esta é mais uma etapa da jornada de preparação da competidora que vai representar o Senac e o Brasil na 47ª WorldSkills, maior competição de educação profissional do mundo que será realizada nos dias 10 a 15 de setembro, em Lyon, França.



Gabriela Sirtoli foi vencedora na ocupação Estética e Bem-Estar

www.portaldocomercio.org.br

@sistema_cnc @sistemacnc @sistemacnc @tvcnconline

Curtas

Patrimônio da União

O patrimônio líquido (PL) da União, ou seja, a diferença entre o total de ativos e passivos da administração pública, ficou negativo em R\$ 5,586 trilhões no ano passado, o que representa um aumento nominal de R\$ 234 bilhões (4,4%) na comparação com 2022, segundo o Relatório Contábil do Tesouro Nacional de 2023, divulgado ontem. Os ativos da União subiram de R\$ 6,71 trilhões para R\$ 7,37 trilhões. No entanto, esse crescimento não superou o aumento do passivo da União, que passou de

R\$ 12,06 trilhões para R\$ 12,96 trilhões no período analisado. Já os recebíveis do Tesouro Nacional perante a instituições financeiras apresentaram forte redução dos saldos devedores a partir de 2015. De acordo com o Tesouro Nacional, esse fato se dá em decorrência de amortizações antecipadas do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Em 2021 e 2022, foram amortizados R\$ 76 bilhões e R\$ 83 bilhões, respectivamente. No ano passado, o total de amortizações chegou a R\$ 19,0 bilhões.

Desmatamento

Os alertas de desmatamento no primeiro semestre deste ano chegaram ao menor patamar desde 2017 para a Amazônia. E no Cerrado, bioma no qual a destruição é crescente durante o governo Lula (PT), este índice caiu pela primeira vez desde 2020. Os dados são sistema Deter, do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). Nos primeiros seis meses deste ano, o Inpe aponta que foram destruídos 1,639 km² na Amazônia, queda de 38% com relação a 2023. Já no Cerrado, desde 2020 a destruição vinha crescendo no primeiro semes-

tre, chegando a um recorde de 4,396 km² em 2023. Pela primeira vez em quatro anos esse índice caiu, para 3,724 km², redução de 15%. Somada, a área perdida nos dois biomas neste ano equivale a mais de três vezes a da cidade de São Paulo. No acumulado dos últimos 11 meses, ou seja, entre agosto de 2023 e junho de 2024, a medição dos alertas aponta redução de 51,1% na Amazônia, Para o Cerrado, no entanto, o cenário é diferente. No mesmo período, houve aumento de 14,6%, mas agora com indícios de que a curva de desmatamento começa a se inverter.